SOCIOTERMINOLOGIA DIACRÔNICA: VARIAÇÃO E MUDANÇA EM TERMOS MILITARES DE INFANTARIA

DIACHRONIC SOCIOTERMINOLOGY: VARIATION AND CHANGE IN INFANTRY MILITARY TERMS

Sandro Marcío Drumond Alves Marengo[1]

RESUMO: Este texto apresenta um estudo socioterminológico em diacronia dos termos militares *passo* e *marcha*, constantes em dois manuais manuscritos de tática para infantaria portuguesa dos séculos XVIII e XIX. Para a realização da investigação, partimos da pergunta: o que motivou a diferença e a estabilidade na frequência de ocorrência (BYBEE, 2002) dos termos delimitados? As motivações para as variações e mudanças das unidades terminológicas neste espaço são estudadas sob a perspectiva da terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2004; ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010) e estão alinhadas com os estudos de lexicologia social (MATORÉ, 1973) e da socioterminologia variacionista (FAULSTICH, 2001, 2002). Metodologicamente, aplicamos o construto de Faulstich e, em seguida, identificamos e sistematizamos as motivações dos fenômenos de variação e mudança extraídos dos *corpora*. Nossa discussão, de cunho qualitativo e quantitativo (BYBEE, 2002), apontou que o entendimento da mudança das unidades terminológicas simples e complexas especificadas (DIK, 1981, 1983) deve sempre relacionar o léxico em uso à história social e cultural de suas comunidades de prática (MARENGO, 2016).

Palavras-chave: Terminologia militar. Socioterminologia diacrônica. Lexicologia social. Mudança Linguística.

ABSTRACT: This paper presents a diachronic socioterminological study of the military terms *step* and *march*, contained in two handwritten manuals of tactics for Portuguese infantry of the XVIII and XIX centuries. To carry out the research, we start with the question: what motivated the difference and the stability in the token frequency (BYBEE, 2002) of the delimited terms? The motivations for the variations and changes of terminological units in this space are studied from the perspective of the third wave of sociolinguistics (ECKERT, 2004; ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010) and are aligned with social lexicology studies (MATORÉ, 1973) and the variationist socioterminology (FAULSTICH, 2001, 2002). Methodologically, we apply the construct of Faulstich and then we identify and systematize the reasons for the variation and change phenomena extracted from the *corpora*. Our qualitative and quantitative discussion (BYBEE,

[1] Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

2002) pointed out that the understanding of the change of the simple and complex terminological units pointed (DIK, 1981, 1983) must always relate the lexicon in use to the social and cultural history of its communities of Practice (MARENGO, 2016).

Keywords: Military Terminology. Diachronic Socioterminology. Social Lexicology. Linguistic Change.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa de cunho socioterminológico centrado na linguagem de especialidade militar. Nossos objetos de estudo são dois manuais manuscritos, um do século XVIII e outro do século XIX, de tática militar de infantaria. Os *corpora* se encontram na seção de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ).

Após a delimitação e descrição inicial dos termos que compõem os dados específicos para o desenvolvimento da nossa proposta, chegamos a um questionamento: o que motivou a diferença e a estabilidade na frequência de ocorrência dos termos *passo* e *marcha*? Logo, o objetivo principal deste trabalho consiste em analisar as variantes coocorrentes de registro do campo nocional *movimentos de tropas*, com base no aporte teórico da socioterminologia em diálogo com a sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; ECKERT, 2004).

Para alcançar a concretização do nosso intuito, nossa proposta metodológica está voltada para uma análise quantitativa assentada nas frequências de ocorrência estabelecidas por Bybee (2002). Além disso, também daremos tratamento qualitativo aos dados para buscar uma explicação das diferenças de frequência dos termos a partir da visão socioterminológica de viés tipológico-funcional da linguagem de especialidade militar (FAULSTICH, 1995, 2001, 2002).

TERMINOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA: UMA VISÃO DA VARIAÇÃO/MUDANÇA

Tratar de variação, principalmente de mudança, na Terminologia é algo relativamente novo. No Brasil, data de 1989, um ano após a realização do Congresso de Bruxelas, onde foi assentada a viabilidade de estudos diacrônicos nessa área, que "surgiram as primeiras ideias de que, no discurso, o termo apresentava variação" (FAULSTICH, 2001, p. 20). Notamos que a perspectiva diacrônica, já amplamente trabalhada na linguagem geral, abre caminho para investigações sobre a variação e mudança que afetam os termos nas linguagens de especialidade. Na década de 90 do século passado, os estudos de variação terminológica ganham mais reforço. A partir das premissas de Faulstich (1995), outros estudiosos da área também passam a assumir a variação como fenômeno ocorrente nas linguagens de especialidade, refutando, então, os postulados de Wüster, que afirmava que as variações terminológicas deveriam ser eliminadas por meio da normalização[2] de seus termos.

Cabré (1993, p. 157) vai de encontro às proposições de perspectiva tradicional wüsteriana ao afirmar que "[...] toda linguagem de especialidade, na medida em que é um

[2] Segundo Wüster, normalizar, em terminologia, é simplificar *a posteriori*, isto é, remover sinônimos e homônimos.

subconjunto da língua comum, compartilha de suas mesmas características; trata-se, então, de um código unitário que permite variações"[3]. Endossando esse posicionamento, Faulstich (1998a) desmistifica ainda mais a sistematização terminológica de Wüster ao afirmar que os termos de uma linguagem de especialidade são entidades variantes que se manifestam nos planos vertical (mesma especialidade), horizontal (especialidades diferentes) e temporal. Faulstich e Cabré se baseiam em uma orientação funcional das linguagens de especialidade, uma vez que admitem o texto especializado como elemento central no desenvolvimento dos estudos terminológicos.

> Apesar da persistência desse conceito, há alguns anos se começou a questionar certas afirmações sobre o unitarismo e se começou a desenvolver uma proposta de terminologia concentrada em sua análise dentro de um marco textual da comunicação especializada e viés cultural próprios das ciências da linguagem. Consequentemente, se começou a descrever o seu caráter variacionista. (CABRÉ, 1999, p. 166)[4]

Nesse contexto, ratificando as palavras da autora supracitada, Faulstich (1998a, p. 141), afirma que "a polifuncionalidade da unidade lexical [...] pode produzir mais de um registro ou mais de um conceito para o mesmo termo" uma vez que será esse o espaço em que as variantes serão "resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo" (FAULSTICH, 2001, p. 22).

Ao tratar de comunidade, deixamos claro que nossa visão não é a de *comunidade de fala*, mas a de *comunidade de prática*. Ao nos posicionarmos alinhados com a socioterminologia de viés funcional — que vai estudar o termo sob uma perspectiva linguística na interação social (FAULSTICH, 1995) — e essa, por sua vez, tem como base auxiliar os princípios da sociolinguística, optamos pelos estudos de Eckert (2004) como referência para esse diálogo. Podemos justificar essa escolha por meio das palavras de Freitag et al. (2012), ao explicitarem que

> Propondo uma discussão sobre os rumos do significado social no estudo da variação, Eckert (2012) faz uma abordagem programática dos estudos sociolinguísticos com o propósito de relevar o estudo da variação com ênfase no significado social: como o sistema de significado social é estruturado? Que tipos de significados sociais são expressos na variação? Em seu retrospecto, Eckert destaca que os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares. (FREITAG et al., 2012, p. 919)

Assim, a escolha de Eckert se deve ao fato de que compartilhamos as mesmas inquietações no que tange à relação da língua com o significado social. Além disso, como verificamos na citação, a pesquisadora agrupa os estudos da sociolinguística em três

---

3 Tradução nossa. No original, "[...] todo lenguaje de especialidad, en la medida en que es un subconjunto del general, participa de sus mismas características; se trata, pues, de un código unitario que permite variaciones."

4 Tradução nossa. No original, "Malgrat la persistència d'aquesta concepció, des de fa pocs anys s'han començat a posar em qüestió determinades afirmacions unitaristes i s'há començat a desenvolupar una proposta de la terminologia concentrada en la seva anàlisi en un marc textual dins de la comunicació especialitzada i amb el biaix cultural propi de les ciències del llenguatge. En conseqüència, s'ha començat a descriure el seu caràter variat."

perspectivas, que chama de ondas[5]. Nesse espaço, nos importa tratar somente dos estudos de terceira onda, uma vez que é nesse momento que a sociolinguística centra sua atenção em saber "como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela" (FREITAG et al., 2012, p. 922). Além disso, esta última onda apresenta um deslocamento de foco importante: passa-se do conceito de *comunidade de fala* para o de *comunidade de prática*.

Desse modo, como estamos tratando de linguagem de especialidade, partilhada e usada em contextos de uma determinada prática social específica, acreditamos que esse alinhamento é mais profícuo. Então, estabelecemos que a linguagem de especialidade militar será partilhada por uma comunidade de prática: os militares, que são os enunciadores e os enunciatários dos textos com os quais estamos trabalhando. Essa delimitação é necessária porque, segundo Faulstich (2002, p. 66), "é fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminológico [...] se transforme num instrumento de trabalho e seja fonte de informação lexical e semântica das áreas específicas do conhecimento". Ademais, é importante afirmar que os conceitos que os termos portam são fruto de atividades cognitivas e interativas compartilhadas entre sujeitos. A conceitualização de mundo bem como o modelo mental que se cria a partir dele são, em grande parte, partilhados entre os sujeitos, construindo, assim, a base do entendimento mútuo (KLEIBER, 1999).

Desse modo, apontamos para a importância dos sujeitos, uma vez que são eles que geram e usam os conceitos e sua materialização expressa no léxico de uma língua. Convém agregar a esta afirmação o fato de que, tanto os sujeitos quanto as suas manifestações linguísticas estão imersos em um universo maior: a sociedade. Desse modo, a linguagem que usam, seja geral ou de especialidade, não só reflete as construções cognitivas individuais e partilhadas pela coletividade, mas também aponta para o modo como essa comunidade mapeia o mundo ao seu redor.

O fator tempo também é de suma importância. Segundo Özsoyoğlu e Snodgrass (1995, p. 513), "tempo é um aspecto importante de todos os fenômenos do mundo real. Os eventos ocorrem em pontos específicos no tempo; objetos e as relações entre os objetos existem ao longo do tempo"[6]. É somente levando em "conta" essa variável que somos capazes de entender as (res)significações que um termo adquire ao longo de sua existência.

Corroborando essa visão de que a linguagem de especialidade leva em "conta" os sujeitos, os contextos sociais e o momento temporal em que são produzidos os

---

5 A primeira onda, segundo ECKERT (2012), inicia com os estudos de Labov referentes à estratificação do inglês falado em Nova Iorque. "A primeira onda estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade, etc" (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 920) Assim, ainda de acordo com os autores apontados, verificamos que o cerne dos estudos pertencentes à primeira onda é o de que "[...] as variedades linguísticas carregam o *status* social de seus falantes" (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 920). Os estudos que pertencem à chamada segunda onda também são de natureza quantitativa. No entanto, a abordagem que se emprega é a etnográfica, "abarcando categorias sociodemográficas mais abstratas, a fim de evidenciar como o vernáculo assume valor local." (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 921). Assim, os estudos das duas primeiras ondas adotam como abordagem a descrição da estrutura, ou seja, um retrato estático (ECKERT, 2012). Já os estudos da terceira onda começam a incorporar a dinamicidade da estrutura, isto é, "como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela" (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922).

6 Tradução nossa. No original, "time is an important aspect of all real-world phenomena. Events occur at specific points in time; objects and the relationships among objects exist over time."

discursos, Faulstich (1998b) propõe um modelo de análise das variações terminológicas considerando que os itens do léxico especializado, como entidades históricas, devem ser analisados tanto no plano sincrônico quanto no diacrônico para que se possa ter dimensão total da evolução que o termo sofreu através dos tempos. Como sustentação às palavras da autora, também nos baseamos em Boulanger (1991, p. 19) quando afirma que "a variação terminológica é necessária e é óbvio que a variação lexical ou linguística é vista em qualquer língua fragmentada no tempo, no espaço e na sociedade. Essas variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas formam a essência da Socioterminologia."[7]

Estabelecendo que o termo é passível de assumir valores distintos e que a função de uma dada variável pode desempenhar papéis diferentes em seus contextos de ocorrência na linguagem de especialidade, Faulstich (2001) construiu uma Teoria da Variação em Terminologia que, além de servir de modelo, abriu espaço para investigações de cunho variacionista, tanto sincrônicas quanto diacrônicas, no campo da Terminologia. A partir dessas premissas, alinhados com a sociolinguística variacionista, podemos afirmar que a variação de um termo de dada linguagem de especialidade se dá pela ação do movimento gradual que realiza no tempo e no espaço. Além disso, focando a inserção dos estudos de Faulstich dentro do funcionalismo, notamos que essas variações são provocadas pela função das variáveis que estão envolvidas em sua produção. Como afirma a própria autora, "[...] a função é uma entidade pragmática que ativa ou retrai os mecanismos da variação"[8] (FAULSTICH, 1998c, p. 13).

Dessa feita, ratificando o valor dos estudos desenvolvidos por Faulstich e apontando para a importância da inserção dos estudos terminológicos de cunho variacionista no âmbito da abordagem funcionalista[9], em contraposição à terminologia tradicionalista desenvolvida por Wüster, Lamberti (2003) comenta que

> [...] enquanto a terminologia tradicionalista considera a variação um elemento perturbador da unidade linguística, a terminologia variacionista, que se enquadra dentro de uma abordagem funcionalista, passa a dar ênfase à diversidade porque reconhece que é por meio das línguas que se exercem as atividades sociais e cooperativas entre os falantes. (LAMBERTI, 2003, p. 86)

A proposta desse artigo está inserida no rol da abordagem funcionalista da socioterminologia variacionista. Desse modo, levando-se em consideração os agentes e os significados gerados a partir dos manuais de tática de infantaria, partimos da premissa de que os termos militares refletem uma cultura militar e uma visão de mundo por parte dos militares. Assim, ainda que os termos estejam inseridos em um âmbito restrito, que é o do discurso especializado, cabe atentar para o fato de que os agentes

---

7 Tradução nossa. No original, "La variation terminologique est aussi nécessaire et évident que la variation lexicale ou linguistique observée pour toute langue fragmentée dans le temps, dans l'espace et dans la société. Ces variations diachroniques, diatopiques et diastratiques forment l'essence même de la socioterminologie."

8 Tradução nossa. No original, "[...] la fonction est une entité pragmatique qui active ou rétracte les mécanismes de variation".

9 Cabe destacar que a posição de Lamberti (2003) também valida a nossa opção por comunidades de práticas, seguindo as tendências da terceira onda da sociolinguística variacionista.

envolvidos nessa situação comunicativa, apesar de pertencerem à mesma comunidade de prática, possuem modos individuais e particulares de sentir, perceber e pensar sobre o seu entorno. É a partir dessa convergência de diferentes experiências (ROSCH, 1975) que passam a designar os conceitos de um campo de especialidade. Essa ideia também pode encontrar respaldo nos estudos sociolinguísticos de terceira onda, por "conta" da adoção da concepção de comunidade de prática.

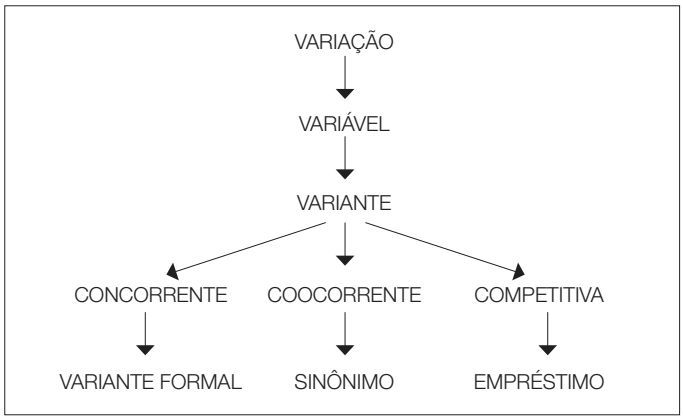
> Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática. (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 103)

Agregamos, também, que é devido a essa soma e multiplicidade de fatores que os termos estão sujeitos a variações e, portanto, podem apresentar conteúdos instáveis.

> [...] os termos de conteúdo instável são, em primeiro lugar, unidades cujas entidades denotadas não são o produto de nossa experiência perceptiva, mas o cruzamento de um modelo sociocultural e de uma estratificação histórica, portanto, por sua própria origem, muito mais abertos à variação que os termos referentes a entidades "perceptuais".[10] (KLEIBER, 1999, pp. 36-37)

A afirmação de Kleiber (1999) reforça a ideia de que os termos não são entidades estanques, reforçando as propostas de Faulstich (2002), que postula o seguinte construto teórico para analisar as variações terminológicas:

Figura 1: Construto de Faulstich (2002, p. 76)



Fonte: Faulstich (2002, p. 76)

A partir do esquema apresentado, verificamos que o fenômeno de variação será expresso por meio das variantes encontradas no discurso especializado. A função de

[10] Tradução nossa. No original, "[...] les termes à contenu instable sont avant tout des termes dont les entités dénotées ne sont pas le produit de notre expérience perceptuelle, mais du croisement d'une modélisation socio-culturelle et d'une stratification historique, donc par leur origine même beaucoup plus ouverts à la variation que les termes renvoyant à des entités 'perceptuelles'".

uma dada variável será a responsável por motivar o fenômeno. As variantes, por sua vez, podem pertencer a três tipos de categoria: variantes concorrentes, variantes coocorrentes e variantes competitivas.

De acordo com o postulado de Faulstich (2002, p. 77), essas variantes podem ser definidas assim:

1) **Variantes concorrentes:** aquelas que podem concorrer entre si, ou que podem concorrer para a um processo de mudança. São classificadas como variantes formais, isto é, são formas linguísticas ou exclusivas de registro que correspondem "a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado" (FAULSTICH, 2002, p. 77);
2) **Variantes coocorrentes:** as que apresentam duas ou mais denominações para um mesmo referente. Elas formalizam a sinonímia terminológica; e
3) **Variantes competitivas:** "são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes" (FAULSTICH, 2002, p. 77). As variantes competitivas se concretizam por meio de pares formados por empréstimos linguísticos e formas da língua vernácula.

Centrando nossa atenção nas variantes concorrentes, vemos que a autora as subdivide em duas grandes categorias: *variantes terminológicas linguísticas* e *variantes terminológicas de registro*. As primeiras "são aquelas em que o fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação" (FAULSTICH, 2002, p. 73), ao passo que as segundas "são aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos" (FAULSTICH, 2002, p. 73). Neste trabalho, nos centramos somente nas variantes de registro que, de acordo com Faulstich (2002, pp. 82-83), podem ser categorizadas como:

1) **Variante terminológica geográfica:** aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes lugares em que se fala a mesma língua.
2) **Variante terminológica de discurso**: aquela que ocorre no plano vertical e decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre enunciador e enunciatário de textos técnico-científicos, podendo ser estes mais ou menos formais; e
3) **Variante terminológica temporal:** aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança em que duas ou mais formas concorrem durante um tempo, até que uma delas se fixe como preferida.

A primeira variante não foi contemplada em nosso artigo uma vez que os nossos *corpora* têm a mesma procedência geográfica. Neste trabalho nos dedicaremos somente às variantes terminológicas que levam em "conta" o discurso e o tempo.

SOBRE OS *CORPORA*

Os *corpora* selecionados para a realização desse trabalho pertencem ao acervo documental da Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ). Ambos são de Portugal e escritos em língua portuguesa.

A primeira fonte documental selecionada intitula-se *Instrucções militares que contém os princípios geraes de Tactica (1769)* e é de autoria de Antônio José Batista de Sá Pereira Carneiro.

O segundo documento tem por título *Elementos de tactica para a infantaria* (1829) e é de autoria do terceiro Conde D"Oyenhausen, João Carlos Augusto de Oyenhausen-Gravenburg.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, delimitamos os termos constantes nos *corpora* com os quais trabalhamos. Nossa escolha foi motivada pela formação de um campo nocional[11] (PASTOR MILÁN, 2000) que nomeamos *movimentos de tropas*[12]. Nesse grupo foram alocados os termos que portam conceitos de deslocamento de tropas. Dois termos foram os selecionados: *passo* e *marcha.*[13] Ambas as unidades terminológicas foram delimitadas em sua forma simples e sua forma complexa.

Para a análise, operamos com os dados em dois momentos distintos: primeiro com os do século XVIII e, depois, com os do XIX. Em seguida, analisamos a categoria de variantes terminológicas de registro (FAULSTICH, 2002). Ao classificá-las, também buscamos as motivações para o processo de variação/mudança. Tomando o escopo teórico apresentado como base, as nossas análises de cunho qualitativo levaram em "conta" tanto os fatores intralinguísticos quanto os extralinguísticos (LABOV, 1994; 2001). Além disso, procuramos as motivações nas relações sociais, culturais e históricas (ECKERT, 2004; MATORÉ, 1973). A nossa interpretação qualitativa também se apoiou em tratamentos quantitativos.

Nosso trabalho com as frequências foi baseado, com as devidas adaptações ao viés socioterminológico, em Bybee (2002), que propõe a contabilização de frequências de duas perspectivas: a) frequência de ocorrência (*token frequency*), em que indicamos o número de vezes que cada termo ocorre nos *corpora*; e b) frequência de formas (*type frequency* ou frequência de tipo), indicando a quantidade de itens lexicais especializados dentro do campo nocional estabelecido. Após a classificação dos dados, passamos à comparação dos resultados. Nessa etapa, avaliamos as diferenças de frequência de ocorrência dos termos e suas possíveis causas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS VARIANTES DE REGISTRO DE MARCHA E PASSO

Para tratar dos casos de variantes de registro, vamos focar nos conceitos atribuídos às unidades terminológicas, extraídos das definições constantes nos manuscritos, sob

11 Pastor Milán entende campo nocional como um contingente de palavras que se agrupam, linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido.

12 Hallig e Wartburg em sua obra *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie: Versuch eines Ordnungsschemas* (tradução nossa. *Arcabouço conceitual como base para a lexicografia: tentativa de um esquema de classificação*), publicada no ano de 1952, apresentam uma proposta de esquematização para a organização de sistemas conceituais para fins de elaboração de trabalhos na área de lexicografia. Nosso trabalho tomou como modelo a proposta dos campos nocionais referente à terminologia militar proposta pelos autores.

13 Em Marengo (2016), esse campo nocional agrega mais de cinquenta termos. Nesse artigo, por uma questão de espaço, optamos por apresentar somente esses dois termos.

a perspectiva histórico-comparativa. Desse modo, para o termo *passo*, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 01: conceitos de passo

PASSO	
SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX
Passo, Passo Militar ou Passo de escolla: Passo realizado pelos soldados de uma tropa com o mesmo pé em igualdade e cadência em alinhamento.	**Passo:** É o deslocamento de um soldado medido em polegadas entre um pé a frente e o outro atrás.
Passo dobrado ou largo: Passo realizado com cento e vinte a cento e trinta passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	**Passo accelerado ou apressado:** É o deslocamento de um soldado que compreende 100 passos de 24 polegadas por minuto.
Passo de estrada: Passo de oitenta a noventa passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	
Passo de costado ou obliquo: Passo militar realizado para o lado direito ou lado esquerdo.	**Passo de costado ou obliquo:** Passo dado no movimento no qual as linhas marcham para direita ou para esquerda no terreno de batalha.
Passo descançado ou curto: Passo realizado com menos de setenta passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	**Passo de pelotão:** Deslocamento de um soldado de 36 passos de 18 polegadas por minuto.
	Passo lento: É o deslocamento de um soldado que compreende 50 passos de 24 polegadas por minuto.
Passo ordinário ou natural: Passo realizado pelo soldado com setenta passos de vinte e quatro polegadas por minuto.	**Passo de entrada, de manovra ou ordinário:** É o deslocamento de um soldado que compreende 72 passos de 24 polegadas por minuto.

Fonte: Elaboração própria

O *passo ordinário* (ou *natural*), no século XVIII, é aquele que se faz com setenta passos de vinte e quatro polegadas por minuto. O mesmo termo, *passo ordinário*, no documento do século XIX, apresenta outras unidades léxicas como seu sinônimas: *passo de entrada* e *passo de manovra*. Se, nesse campo, estamos tratando de tática e esta, por sua vez, se materializa na manobra, vemos uma conexão entre os predicadores[14] (DIK,1981) atribuídos: "*manobra*" e "*natural*", ou seja, é o passo mais usual, mais *natural*, mais *ordinário* de *entrada* nas *manobras*. Verificamos que, apesar de haver um referente em comum nos dois séculos –*passo ordinário*–, os conceitos não são totalmente iguais. Notamos uma mudança no que se refere ao número de passos dados de mesma extensão (24 polegadas): no primeiro, 70 passos; no outro, 72. Essa mudança no número de passos nos leva à ideia de aumento de velocidade dos movimentos de um século a outro. O aumento da velocidade nos remete à constatação de que, no século XIX, a tática é mais dinâmica e, por conseguinte, a guerra também se torna um evento mais dinâmico. Esta afirmação sobre a guerra também é ratificada por Martins (1945).

O termo *passo dobrado* (ou *largo*) expressa o conceito de deslocamento realizado com cento e vinte a cento e trinta passos de vinte e quatro polegadas por minuto. Já o *passo de estrada* retrata um deslocamento de oitenta a noventa passos de vinte e quatro polegadas por minuto. No século XIX, nenhum dos predicadores se repete. O

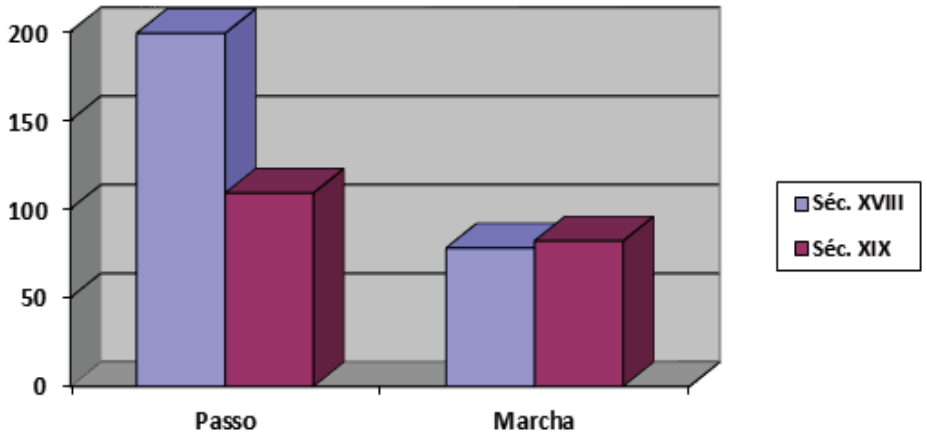
14 Neste trabalho, a partir dos modelos de predicação de Simon Dik (1981), estabelecemos que a construção da unidade terminológica é realizada por uma base nominal (*passo* e *marcha*) e por uma predicação à sua esquerda.

conceito mais próximo que temos é o de deslocamento de um soldado que compreende 100 passos de 24 polegadas por minuto, materializado no termo *passo accelerado* (ou *apressado*). Notamos que esses dois últimos termos do século XVIII se fundiram em um único no século XIX expressando, conceitualmente, uma média das velocidades estipuladas anteriormente: 100 passos.

O processo inverso ao caso anterior se faz com o termo *passo descançado* (ou *curto*) presente no manuscrito do século XVIII. O conceito apresentado é o de um passo realizado com menos de setenta passos de vinte e quatro polegadas por minuto. No entanto, verificamos uma imprecisão uma vez que o conceito estabelecido só expõe um limite numérico: menos de 70 passos. Ao buscar os termos do século XIX, vemos que há duas unidades terminológicas complexas[15] que, não só expressam o mesmo conceito, como o delimitam de forma precisa. Em *passo de pelotão* temos 36 passos de 18 polegadas e em *passo lento* são 50 passos de 24. Vemos, assim, uma especificação mais detalhada dos termos no documento do século XIX. Já o termo *passo de costado* (ou *obliquo*), pertencente a ambos os manuscritos, em sua essência, não sofreu alteração conceitual.

Assim sendo, mesmo que os dados quantitativos nos apontem uma diminuição do termo *passo* no século XIX (conforme o gráfico 1), constatamos que, nesse período, se deu uma delimitação mais precisa dos conceitos das unidades terminológicas.

Gráfico 1: Frequência de ocorrência de termos Passo e Marcha[16]



Fonte: Elaboração própria

15 Neste trabalho, estamos concebendo uma Unidade Terminológica Complexa (UTC) a partir dos modelos de predicação de Simon Dik (1981; 1983). Assim, entendemos uma UTC como "unidades formadas por uma base e argumentos, ou por uma predicação nuclear e seus satélites" (CAFÉ, 2003, p. 68).

16 A contagem das unidades terminológicas do gráfico, que englobam suas formas simples (somente base nominal) ou suas formas complexas (UTC), englobando as manifestações de singular e plural em ambas as formas referidas, foi realizada por meio da ferramenta computacional *WordSmith Tools 6.0*. Entendemos ser importante tal contagem para, quantitativamente, verificarmos como os termos são tratados nos manuais dos nossos *corpora*. As diferenças de frequências de ocorrência dos termos são importantes porque nos revelam nulidade, progressão, estabilização ou retração de possíveis fenômenos de variação e/ou mudança.

A maior especialização do termo *passo* no século XIX acompanha a história militar de Portugal, que também se especializa nesse período, principalmente por "conta" dos avanços tecnológicos e das novidades trazidas pelas táticas de guerra napoleônicas.

> Napoleão e suas práticas de guerra tornam-se o referencial dos destinos e estudos da guerra, da tática e da estratégia no século XIX. Bonaparte usa a história como fonte de informação e análise dos erros e acertos de outros generais e comandantes. Longe de pensar em repetir a história ou mesmo que as guerras sejam parecidas ou iguais, Bonaparte reflete sobre a guerra no contexto histórico, político e militar. (BELLINTANI e BELLINTANI, 2014, p. 22)

Assim, vemos que o que aparece na linguagem de especialidade em questão está ligado ao desenvolvimento da história militar e, também, com a história social de Portugal. Nas palavras de Marques (1999, p. 14), "ao estudar-se a evolução da organização militar e do Exército, torna-se mais inteligível a evolução da própria sociedade". Assim, os acontecimentos históricos e sociais, que são imbricados quando tratamos de história militar, ajudam a embasar as ideias de que "a palavra tem uma existência social: é, principalmente, um fato social[17]" (MATORÉ, 1973, p. 23).

Como nos afirma Eckert (2004), a mudança social também deve ser analisada em seu processo cotidiano, de forma que sejam percebidas as correlações entre ela e a mudança linguística. Através da análise do termo *passo*, as correlações existentes entre mudança social, no seio da comunidade de prática, e mudança linguística podem ser percebidas. Além disso, é importante destacar a atuação das variantes temporais e variantes de discurso nos nossos *corpora*.

A seguir, analisamos o termo *marcha* no que diz respeito às variantes de registro. Montamos, então, o seguinte quadro:

Quadro 2: *Conceitos de Marcha*

MARCHA	
SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX
Marcha ou Marcha militar ou Marcha recta: Caminho a pé, em frente, realizado por um exército.	**Marcha:** Caminho a pé, em frente, realizado por um exército.
Marcha de costado ou obliqua: Caminho a pé, para os lados, realizado por um exército.	**Marcha de costado:** Caminho a pé, para os lados, realizado por um exército.
Marcha graduada: Caminho a pé, primeiro para os lados e, em sequência, para frente, realizado por um exército.	**Marcha graduada:** Caminho a pé, primeiro para os lados e, em sequência, para frente, realizado por um exército.
Marcha de estrada: Caminho situado entre o local de origem e o campo de batalha, realizado a pé por um exército.	

Fonte: Elaboração própria

Inicialmente, notamos que o conceito de *marcha* não se altera do século XVIII para o século XIX. No entanto, verificamos que o mesmo conceito é expresso por três unidades terminológicas no documento do século XVIII: *marcha*, *marcha militar* e

17 Tradução nossa. No original, "Le mot a une existence sociale: il est au premier chef un fait social".

marcha recta. Os predicadores funcionam como reforço das ideias que já estão contidas no conceito. As marchas de que tratamos são todas militares e todas, quando não são *de costado* ou *obliquas*, são retas. Vemos, então, que há uma redução na quantidade dos termos que expressam o mesmo conceito no lapso temporal no qual se centra nosso trabalho. O mesmo fenômeno também ocorre com o termo *marcha de costado*. O conceito não se altera, mas, no século XIX, ele só aparece expresso por uma unidade terminológica, enquanto no século XVIII ele tinha duas formas de aparição.

O conceito de *marcha graduada* se mantém estável nos nossos *corpora*. Por último, vemos que, no século XVIII, aparece o termo *marcha de estrada*. No século XIX, esse termo não tem nenhuma ocorrência. Podemos tomar a história militar para explicar o motivo pelo qual esse termo aparece no documento do século XVIII, mas não no do século XIX.

Segundo Martins (1945), Portugal esteve envolto em guerras praticamente desde sua formação. Esse país já começa o século XVIII em guerras e inicia o século XIX da mesma forma. Contudo, há uma diferença que marca sua participação nos campos de batalha: a partir da segunda metade do século XVIII até o início do século XX, momento histórico em que estão inseridos os nossos *corpora,* os campos de batalha se transladam aos terrenos portugueses. Uma vez que não é necessário que a tropa se desloque de um terreno de batalha nacional a outro fora do país, a *marcha de estrada* não se faz necessária. Assim, podemos justificar o fato de esse termo estar ausente no nosso documento do século XIX.

Desse modo, podemos concluir que, no século XVIII, com os gerados nos nossos *corpora*, havia uma grande quantidade de termos com o mesmo conceito, gerados no contexto discursivo com vistas à coesão textual.[18] Da perspectiva da Terminologia, Faulstich afirma que

> [a] sinonímia terminológica é um processo em que dois ou mais termos com relação de sentido idêntica podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no significado textual e discursivo. A sinonímia terminológica discursiva tem por função produzir a coesão textual, além de ser um dos mecanismos de ampliação vocabular. (FAULSTICH, 2002, p. 84)

Segundo a autora, o contexto discursivo é de suma importância para a identificação dos termos sinônimos. Então, vemos que a sinonímia é tributária de um sistema de relações semânticas, tendo seu eixo nas palavras lexicais, e permite, nesse sistema, "substituições" de vocábulos diferentemente equivalentes (TAMBA-MECZ, 2006, p. 110).

Observamos que, no século XIX, houve uma redução do número de termos dando preferência, inclusive, a unidades terminológicas simples. Essa diminuição ocorre por "conta" das especializações e especificações que a ciência militar sofre no século XIX (MARTINS, 1945). Assim, foram esses fatores extralinguísticos que motivaram a diferença na frequência de ocorrência dos termos, em especial do termo

[18] Nosso posicionamento está baseado em Koch (2007, p. 45) que conceitua coesão textual como "[...] fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos".

passo, de um século a outro. No tocante ao termo *marcha*, apesar de ter havido uma pequena diminuição, a que atribuímos a alteração geográfica dos campos de batalhas (SELVAGEM, 1999), verificamos que, quantitativamente, se manteve estável do século XVIII ao XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados pesquisados, percebemos que mudanças significativas ocorreram nesse campo nocional e foram constatadas por meio da análise quantitativa. O aumento ou a diminuição da frequência dos dados gerados nos relatam as variações existentes em cada época e a marcação de quantidade das mudanças expressas pelas frequências de ocorrência de cada um dos séculos. Em ambos os termos analisados, vimos que os fenômenos linguísticos estão acompanhando a progressão da história militar e social portuguesa desse período.

Nessas análises nos alinhamos com os preceitos expostos por Weinreich et al. (2006), uma vez que percebemos, como afirmam os autores, que as mudanças linguísticas não se dão de modo aleatório e repentino. Também baseados em Eckert (2004), buscamos não só analisar a motivação social das variações e mudanças encontradas, mas também tentamos especificar, na medida do possível, o grau de correlação entre o fator social e a variação linguística que levou à mudança.

Vimos que a socioterminologia, em uma abordagem diacrônica, dialoga com várias outras áreas de especialidade. Esse traçado nos leva a uma reflexão histórica e cultural que pode apontar tanto para a criação conceitual do termo quanto para sua criação lexical. Além disso, também nos leva a entender o meio sociocultural no qual circulam os termos científicos. Como nos aponta Kacprzak (2011), as análises diacrônicas em terminologia se assentam como importantes fontes de conhecimento sobre a maneira como as gerações anteriores projetavam o mundo e, portanto, sobre a cultura partilhada em épocas passadas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lidia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EdUSP, 2004.

BELLINTANI, Adriana Iop; BELLINTANI, Mauro. **A guerra: do século XIX aos nossos dias**. Boa Vista: EdUFRR, 2014.

BOULANGER, Jean-Claude. Une lecture sócio-culturelle de la terminologie. **Cahiers de Linguistique Sociale, Terminologie et Sociolinguistique**, 18. Université de Rouen/ Mont-Saint-Aignan: GRECO-IRED, 1991. pp. 13-30.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.). **Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2002. pp. 602-623.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología — teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

____. **La terminología:** representación y comunicación — elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Linguistica Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CAFÉ, Ligia. Terminologia: Aplicação do (re) modelo de Simon Dik In: FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira (Orgs.). **Lingüística Aplicada à Terminologia e Lexicologia. Cooperação internacional:** Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. pp. 59-82.

DIK, Simon. Predication and expression: the problem and the theorical framework. In: ____. **Predication and expression in functional gramar**. Londres: London Academic Press, 1981. pp. 1-17.

____. **Advances in Functional Grammar**. Foris Publications: Publications in Language Sciences, 11, 1983.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistics variation **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, pp.87-100, 2012.

ECKERT, P.; MCCONNEL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A.C.; FONTANA, B. (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010. pp. 93-108.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Revista Ciência da Informação**. 24(3), set-dez 1995. Brasília: MCT/CNPq/IBICT, 1995. pp. 281-287

_____. Variação Terminológica. Algumas tendências no Português do Brasil. In: **Cicle de conferencies 96-97. Lèxic, corpus i diccionaris**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998a.

____. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. **Conferência Magistral apresentada no VI simpósio da Rede Iberoamericana de**

Terminologia (RITERM). Havana, Cuba, 1998b. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/riterm/por/simposios_anteriores_1998.html> (Acesso em: 13 maio 2014)

____. Principes formels et fonctionnels de la variation em terminologie In: KAGEURA, Kyo; L"HOMME, Marie-Claude. (Ed.). **Terminology**, v. 5 (1). Amsterdan: John Benjamins Publishing Company, 1998c. pp. 93-106.

____. Aspectos de Terminologia geral e Terminologia variacionista. **Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. TRADTERM**, n.º 7. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. pp. 11-40.

____. Variação em terminologia. Aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, Gloria Guerrero; PÉREZ LAGOS, Manuel Fernando (coord.). **Panorama Actual de la Terminología**. Granada: Editorial Comares, 2002. pp. 65-91.

FREITAG, R. M. Ko et al. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, n. 56, v. 6, p. 917-944, 2012.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **Terminology work — principles and methods: 1087-1**. Part 1: theory and application = Travaux terminologiques — vocabulaire. Partie 1: théorie et application. [S.l.: s.n.], 2000.

KACPRZAK, Alicja. Diversité technolectale en diachronie: le cas de quelques termes médicaux français Passeurs de mots, passeurs d"espoir — lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité In: CAMPENHOUDT, Marc Van; LINO, Teresa; COSTA, Rute. **Actes des Huitièmes Journées scientifiques du Réseau de chercheurs Lexicologie, terminologie, traduction**. Lisboa. 15-17 de outubro de 2009. Paris: 2011. pp. 355-366.

KLEIBER, Georges. **Problèmes de sémantique. La polysémie en questions**. Lille: Ed. du Septentrion, 1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola, 2008.

____. **Principles of Linguistic Change. Internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

____. **Principles of Linguistic Change. Social factors**. Cambridge: Blackwell, 2001.

LAMBERTI, F. C. C. Uma interpretação variacionista do empréstimo linguístico no português do Brasil In: FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira (Orgs.). **Lingüística Aplicada à Terminologia e Lexicologia. Cooperação internacional:** Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. pp. 83-97.

MARENGO, S.M.D.A. **Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX**. 2016. 530 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

MARQUES, Fernando Pereira. **Exército e Sociedade em Portugal, no Declínio do Antigo Regime e Advento do Liberalismo**. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

MARTINS, General Ferreira. **História do Exército Português**. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1945.

MATORÉ, G. **La Méthode en Lexicologie. Domaine Français**. Paris: Libraire Marcel Didier, 1973.

ÖZSOYOĞLU, Gultekin; SNODGRASS, Richard T. Temporal and Real-Time Databases: A Survey. In: **IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering**, v. 7, n.º 4, August, 1995. pp. 513-532.

PASTOR MILÁN, María de los Ángeles. Los campos léxicos del español. Teoría y práctica In: FRADE, José Manuel Oliver et al. (Coords.). **Cien años de investigación semántica:** de Michel Bréal a la actualidad. Madrid: Ediciones Clásicas, 2000. pp. 775-788.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of experimental Psychology**: General, 104, 1975. pp. 192-233.

SELVAGEM, Carlos. **Portugal Militar. Compêndio de História Militar e Naval de Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1999.

TAMBA-MECZ, Irène. **A semântica**. São Paulo: Parábola, 2006.

WEINREICH, Uriel et al. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.